



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS-PORTUGUÊS**

MATEUS RODRIGUES DE MELO

**ENTRE HERÓIS, QUADRINHOS E DISCURSOS SOCIAIS: UMA LEITURA DA
GRAPHIC NOVEL OS FABULOSOS X-MEN: DEUS AMA, O HOMEM MATA**

**CAMPINA GRANDE/PB
2023**

MATEUS RODRIGUES DE MELO

**ENTRE HERÓIS, QUADRINHOS E DISCURSOS SOCIAIS: UMA LEITURA DA
GRAPHIC NOVEL OS FABULOSOS X-MEN: DEUS AMA, O HOMEM MATA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, com requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras-língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Dr. Silvana Kelly Gomes de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE, PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528e Melo, Mateus Rodrigues de.
Entre heróis, quadrinhos e discursos sociais [manuscrito] :
uma leitura da graphic novel: Os Fabulosos X-men: Deus ama,
o homem mata / Mateus Rodrigues de Melo. - 2023.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
, Coordenação do Curso de Letras Portugêas - CEDUC. "

1. História em quadrinhos. 2. Literatura contemporânea. 3.
Arte sequencial. I. Título

21. ed. CDD 401.41

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATEUS RODRIGUES DE MELO

ENTRE HERÓIS, QUADRINHOS E DISCURSOS SOCIAIS: UMA LEITURA DA GRAPHIC NOVEL OS FABULOSOS X-MEN: DEUS AMA, O HOMEM MATA

Trabalho de Conclusão de Curso em
Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado
em Licenciatura Plena em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovado em: 23 / 11 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Prof. Dr. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Diógenes André Vieira Maciel

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Bruno Santos Melo

Prof. Ms. Bruno Santos Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao pequeno Mateus, que assistia incansavelmente ao seu DVD de X-men: a série animada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao pequeno Mateus de sete anos de idade, que assistia ao DVD de X-men: a série animada todos os dias, irritando todos os outros habitantes da casa, que não aguentavam mais ouvir aquela abertura pela milésima vez. Aposto que ele ficaria orgulhoso deste trabalho.

Aos meus pais, que sempre insistiram, persistiram e me deram o suporte para chegar onde eu cheguei. Por me apoiarem e me aceitarem da maneira deles e por sempre tentarem compreender as dificuldades de um estudante universitário.

Minhas duas belas irmãs, que sempre estiveram comigo em alguns dos momentos mais difíceis ou felizes da minha vida, eu amo vocês.

Agradeço à professora Silvana, por sua paciência, compreensão e enriquecedores ensinamentos. Tenho grande admiração por sua personalidade e sua visão de mundo e poderia ouvir a senhora falar por horas e horas e não me cansaria. Obrigado por proporcionar a melhor cadeira que paguei durante o difícil período da pandemia. Eu não poderia pedir por uma orientadora melhor e mais inteligente, os alunos de João Pessoa serão muito sortudos em tê-la como professora da instituição. Brilhe!

Ao professor Diógenes, alguém por quem tenho enorme admiração e tenho a honra de chamar de amigo. Por ter me escolhido como um de seus orientandos e por ter me ajudado também, de certa maneira, a realizar um dos meus maiores sonhos: ver minha artista preferida ao vivo.

Ao meu querido e amado amigo Érick Kelvin. Eu não sei o que seria de mim sem você nesses quase cinco anos na UEPB. Obrigado por cada abraço, cada ensinamento, cada puxão de orelha, por me ouvir e me apoiar em tantos momentos em que eu não achava que conseguiria suportar. Você tem um futuro brilhante e eu espero estar lá para ver você alcançar todos os seus sonhos. Te amo, amigo.

Minha experiência universitária também não teria sido a mesma sem as minhas amigas Laura e Carleusa, duas grandes e simpáticas mulheres que me proporcionaram momentos de grande felicidade. Sou o maior fã que vocês duas têm.

Aos demais colegas de turma: Adrian, Clara, Cíntia, Solene, Sara, Darkciane, Luciane, Joyce, Mikalle e tantos outros que fizeram parte dessa jornada tão enriquecedora. Obrigado.

Aos meus companheiros do Levante Popular da Juventude, que me acolheram tão bem e por quem tenho orgulho de ter lutado junto por uma universidade mais popular e inclusiva.

Aos professores da UEPB Anacã, Iara e Monalisa, por terem me marcado tanto na graduação e me ensinado tanto.

Aos professores Cláudio, Isabel e Mônica, que marcaram os meus anos escolares e foram responsáveis pelo meu interesse em ingressar num curso de licenciatura. Espero algum dia despertar nos meus alunos aquela chama que vocês despertaram em mim.

Também gostaria de agradecer à professora Germana, minha supervisora do PIBID, por sua grande contribuição na minha visão sobre uma sala de aula e por sua leveza e grande personalidade.

Beatriz, Pedro, André, Maria Clara e Gabriel, por fazerem das minhas manhãs um momento de descontração e me ajudarem a esquecer os meus problemas. Obrigado.

Por fim, sou grato a todas as outras pessoas que não foram citadas aqui, mas marcaram a minha trajetória acadêmica. Os amigos de outros cursos, amigos fora da instituição, todos aqueles que nem sabem o quanto foram significativos em todos esses anos.

“Sabe, fora do circo, a maioria das pessoas tinha medo de mim. Mas eu não os odiei. Eu tive pena deles. Você sabe por quê? Porque a maioria das pessoas nunca saberá nada além do que vê com seus próprios olhos...” O mutante Noturno em X-men 2 (2003).

RESUMO

O Corpus desta pesquisa é composto pela graphic novel *Os Fabulosos X-men: Deus Ama, o Homem Mata* de Chris Claremont e Brent Anderson, publicada em 1983, que acompanha a equipe de heróis X-men em uma aventura que retrata diversas questões sociais, como os discursos de ódio. O objetivo geral é demonstrar, através da obra, as ricas especificidades que histórias em quadrinhos oferecem para os estudos literários contemporâneos. Diante disso, buscou-se fazer uma breve análise do percurso histórico da chamada arte sequencial, sob a premissa de compreender as diferentes definições que ela obteve ao longo dos anos. Além disso, investigou-se os motivos para a recusa da academia em conceber os quadrinhos como objeto de pesquisa. Considerando esses aspectos, no presente trabalho, recorreremos às contribuições de Oliveira (2017); Dalcastagnè (2012); e Candido (1999), na discussão sobre o cânone literário e seu sistema excludente de manifestações artísticas contemporâneas. No debate sobre as questões humanitárias da obra, utilizou-se das teorias desenvolvidas por Schäfer (*et al*, 2015) e Silva (*et al*, 2011), como também Bertoloto (*et al*, 2021) no que tange ao percurso histórico da arte sequencial. Por fim, McCloud (1995), buscando observar as características visuais e estéticas das histórias em quadrinhos. As conclusões da pesquisa demonstram que os quadrinhos apresentam material rico para inúmeras áreas do conhecimento e ainda há muito o que se debater sobre essa arte.

Palavras-Chave: X-Men; Deus ama, o homem mata; história em quadrinhos; discursos de ódio.

ABSTRACT

The corpus of this research consists of the graphic novel *The Fabulous X-men: God Loves, Man Kills* by Chris Claremont and Brent Anderson, published in 1983, which follows the X-men team of heroes on an adventure that portrays various social issues, such as hate speech. The general objective is to demonstrate, through the work, the rich specificities that comic books offer to contemporary literary studies. The aim was to briefly analyze the history of the so-called sequential art, with the premise of understanding the different definitions it has obtained over the years. In addition, we investigated the reasons for academia's refusal to conceive of comics as an object of research. Considering these aspects, in this work, we used the contributions of Oliveira (2017); Dalcastagnè (2012); and Candido (1999), in the discussion about the literary canon and its exclusionary system of contemporary artistic manifestations. In the debate on the humanitarian issues of the work, the theories developed by Schäfer (et al, 2015) and Silva (et al, 2011) were used, as well as Bertoloto (et al, 2021) with regard to the historical path of sequential art. Finally, McCloud (1995) sought to observe the visual and aesthetic characteristics of comics. The conclusions of the research show that comics present rich material for countless areas of knowledge and there is still much to debate about this art.

Keywords: X-Men; god loves, man kills; comics; hate speech.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - PASSAGEM BÍBLICA	32
FIGURA 2 - O RELATO DE STRYKER	33
FIGURA 3 - VOCÊ OUSA CHAMAR ELE... AQUILO... DE HUMANO?!	37
FIGURA 4 - TRANSIÇÃO AÇÃO-PARA-AÇÃO	39
FIGURA 5 - TRANSIÇÃO TEMA-PARA-TEMA	39
FIGURA 6 - TRANSIÇÃO CENA-PARA-CENA	40
FIGURA 7 - AÇÕES SIMULTÂNEAS	41
FIGURA 8 - AÇÕES NÃO LINEARES	42
FIGURA 9 - OS TRAÇOS DE ANDERSON	43
FIGURA 10 - OS TRAÇOS DE BYRNE	43
FIGURA 11 - BALÕES	44
FIGURA 12 - CORES COMO SENTIMENTOS	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LITERATURA E QUADRINHOS	15
2.1 A desconstrução do “literário” canônico	15
2.2 Percurso histórico das histórias em quadrinhos e graphic novels.	19
2.3 Breves definições	22
3 UMA LEITURA DE OS FABULOSOS X-MEN: DEUS AMA, O HOMEM MATA	24
3.1 A importância do herói	24
3.2 Deus ama, o homem mata e as questões sociais.	27
3.3 Para além do roteiro	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos fazem parte da cultura pop há muito tempo, possuem um público vasto e fiel, e suas adaptações têm conquistado lucros bilionários mundialmente nas últimas décadas. No Brasil a situação não é diferente, já que os quadrinhos alcançam leitores das mais variadas faixas etárias, possuem um público correspondente ao dos romances, de acordo com o instituto Pró Livro e, para muitos, são responsáveis pelo primeiro contato com a leitura.

Entretanto, apesar de sua popularidade e grande possibilidade de produções, a arte sequencial, como defende Will Eisner (1989), vem sendo negligenciada desde a sua criação. Muito se dá pela falta de uma compreensão maior sobre essa expressão, algo muito comum sempre que uma nova manifestação artística surge, pois o novo sempre é visto através de certa desconfiança, impedindo um maior aprofundamento.

Esse afastamento dificulta a inserção dos quadrinhos nas áreas acadêmicas, nas escolas e universidades do país, e gera como consequência um número escasso de produções científicas sobre a considerada por muitos como a nona arte. As discussões sobre histórias em quadrinhos no curso de Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba, a título de exemplo, são praticamente nulas, o que se mostra como algo lamentável, tendo em vista a variedade e riqueza de estudos e debates que essa arte pode proporcionar.

Muito desse receio em se trabalhar com a arte sequencial ocorre devido a uma ideia pré-estabelecida de que a literatura é uma manifestação “sagrada”, que engrandece e salva os indivíduos e, portanto, não deve ter contato com títulos que possam profanar essa essência. A discussão é aprofundada por Oliveira (2017), que esclarece como a visão da literatura como algo sacro, que visa somente o belo e o puro, tem excluído obras, manifestações artísticas e autores, daquilo que a academia considera como digno de fazer parte dos estudos literários.

Ainda nessa perspectiva, o presente trabalho também se detém nas ideias desenvolvidas por Candido (1999), no que diz respeito ao entendimento dos atributos que a literatura traz para a humanização do ser humano, visando estabelecer as duas visões acerca da sacralização da literatura e mostrando como é possível encontrar as mesmas propriedades em obras modernas, já que, para os estudos literários evoluírem, é necessário que exista uma sincronia entre o clássico e o contemporâneo, a fim de promover um diálogo efetivo entre diferentes discursos e visões acerca da arte como um todo.

Scott McCloud, em seu livro “Desvendando os Quadrinhos” (1995), aborda como a falta de informação sobre “HQs” pode ocasionar a má recepção pelo público geral e a

percepção delas como um entretenimento meramente infantil. Diante disso, o autor traça uma série de características e atributos que demonstram como a linguagem dos quadrinhos é complexa e diversa, possibilitando que inúmeros artistas consigam utilizar das singularidades dessa arte para se expressarem artisticamente. Tendo isso em vista, utilizou-se como material de análise a graphic novel *Os Fabulosos X-Men: Deus Ama, o Homem Mata*, de Chris Claremont e Brent Anderson, buscando demonstrar através da obra, as ricas especificidades das histórias em quadrinhos.

A partir disso, o propósito deste estudo é responder as seguintes problemáticas: como *Os Fabulosos X-men: Deus ama, o homem mata* evidencia as particularidades e convenções das graphic novels? Como os estudos literários e artísticos, a partir de conceitos pré-determinados sobre o que é digno de ser apreciado, excluiu e silenciou obras e manifestações artísticas ao longo da história? Os objetivos são Analisar, de forma crítica, como as temáticas sociais aparecem no corpus; Demonstrar, através das especificidades, definições e linguagem das HQS, que apesar de seu caráter mais popular, essa arte oferece inúmeras possibilidades de identificação e expressão do ser; Destacar a ideia da “desauritização” da literatura, que busca uma nova visão das obras de arte, por meio de manifestações modernas como os quadrinhos.

Sendo as histórias em quadrinhos uma arte vista por uma parcela da comunidade acadêmica como algo sem relevância no que diz respeito aos estudos literários e artísticos, este trabalho mostra-se necessário no sentido de tentar validar essa manifestação artística, que abraça inúmeras áreas do conhecimento.

A escolha do tema se dá por apreço e identificação com os personagens e com as narrativas presentes nos textos. Cresci assistindo e, mais tarde, lendo histórias sobre esse universo, e é de grande interesse investigar suas contribuições no ambiente acadêmico. Já que, o foco das histórias dos X-Men sempre foram a questão do direito igualitário para todos, representação clara do ativismo de inúmeros grupos minoritários oprimidos pela sociedade.

A abordagem metodológica aplicada no trabalho é de cunho qualitativo, utilizando da pesquisa bibliográfica para aprofundamento das ideias defendidas pelos teóricos escolhidos, com o foco em compreender o objeto de pesquisa analisado.

A metodologia qualitativa se dá através da análise de questões referentes à importância da literatura na discussão sobre temáticas sociais como o discurso de ódio, preconceito racial e homofobia, além de buscar apresentar novas possíveis abordagens da literatura contemporânea, através das histórias em quadrinhos e novelas gráficas.

No que diz respeito a pesquisa bibliográfica, ela foi feita a partir de registros que se encontram disponíveis em livros, artigos, teses, resenhas, etc. Neste trabalho foi feito o uso dessas produções, fontes dos temas a serem estudados, como o material desenvolvido sobre arte sequencial e as questões sociais. Dessa forma, a análise da obra, da estrutura da graphic novel e das temáticas sociais foi desenvolvida com o suporte dos autores dos textos lidos.

Nesse sentido, Sieczkowski (2011) apresenta em seu texto algumas maneiras de se analisar uma graphic novel tomando como foco tanto os aspectos visuais de uma obra de arte sequencial, quanto a história desenvolvida na produção, assim como esse suporte das histórias em quadrinhos pode oferecer diferentes possibilidades de abordagem e de interpretação.

Para além das questões técnicas, sob o apoio das teorias de Schäfer (*et al*, 2015) e Silva (*et al*, 2011), foi feita uma análise das questões sociais presentes na obra, demonstrando como as histórias em quadrinhos, principalmente as focadas em super-heróis, conseguem apresentar debates profundos sobre questões humanitárias, como direitos humanos e discurso de ódio, tudo isso possuindo um público alvo e consumidor predominantemente jovem.

No que tange ao percurso histórico da arte sequencial, utilizou-se das discussões desenvolvidas por Bertoloto (*et al*, 2021), com o objetivo de apresentar as mudanças e avanços ao longo de toda a sua existência, assim como também sua ascensão e atuais manifestações, buscando assim demonstrar que os quadrinhos, assim como qualquer outra arte, compreendem diversas definições e estão em constante evolução, revelando que ainda há muito a se estudar sobre os *comics*.

A partir desses embasamentos teóricos, na primeira seção, buscou-se refletir sobre as restrições do cânone literário, que dificulta a inclusão e incorporação de novas obras e manifestações emergentes como as histórias em quadrinhos em estudos e currículos acadêmicos. Em outro momento, foi abordado o percurso histórico da arte sequencial, buscando demonstrar como os conceitos, técnicas e temáticas foram sendo modificados ao longo da história, resultando em um leque infinito de diferentes possibilidades no universo dos quadrinhos. Além disso, foram discutidas as possíveis definições de quadrinhos e arte sequencial, visando destacar a riqueza intrínseca dessa forma de expressão artística. Essa reflexão evidenciou a amplitude do campo de estudo, ressaltando que ainda há muito a ser explorado e compreendido sobre esse tema.

No primeiro tópico da segunda seção tratou-se do conceito de herói e sua importância no debate sobre questões sociais. Em seguida, foi feita uma leitura das pautas sociais presentes na obra escolhida para análise, evidenciando o discurso de ódio e o debate sobre direitos humanos. No terceiro e último tópico, observou-se, conforme as contribuições de

McCloud (1995), a complexidade da construção de uma história em quadrinhos, desenvolvendo as questões de tempo, traços e cores e suas contribuições para a apreciação de uma HQ.

2 LITERATURA E QUADRINHOS

2.1 A desconstrução do “literário” canônico

A Literatura contribui para um melhor entendimento da natureza humana, proporciona aos leitores viagens a lugares e períodos sem a necessidade de deixar seus aposentos, e como uma expressão artística, ela reflete as singularidades da sociedade em que está inserida. Tendo isso em vista, através das manifestações literárias, é possível observar os aspectos que marcam a subjetividade de diferentes grupos e os respectivos elementos culturais presentes em um determinado contexto histórico. Entretanto, a literatura, sendo historicamente dominada pela elite, acaba por excluir certos temas, vozes, grupos e suas respectivas produções por não serem compatíveis com aquilo defendido e consumido pela classe dominante.

Nesse contexto, Dalcastagnè (2012), aborda a literatura contemporânea brasileira como um território contestado, uma arena de lutas onde diferentes grupos disputam espaço, buscam serem ouvidos e representados. Além disso, a autora destaca as relações de poder e controle que influenciam a produção literária, uma vez que a concentração de poder nas mãos de grupos dominantes inviabiliza e marginaliza vozes, narrativas, produções e manifestações de arte, ocasionando na limitação da diversidade e representatividade na literatura. Diante disso, o sistema literário permanece estagnado no tempo no que diz respeito à inclusão das discussões contemporâneas, permanecendo as mesmas concepções sobre o que é digno de apreciação estética e discursiva.

A arte por si própria, se nos voltarmos para a história, mostra-se como uma constante retomada de conceitos passados, o que pode ser visto mediante técnicas que ainda são utilizadas atualmente; temas que algumas vezes acabam retornando para as criações contemporâneas; correntes resgatadas e obras que são relidas e reinterpretadas. Diante disso, devemos nos voltar para todos esses pontos e nos questionarmos: até que ponto essa persistente volta ao passado é uma mera visita nostálgica e inocente e não uma maneira dos grupos dominantes manterem um certo controle daquilo que é disseminado na sociedade?

É possível observar a busca por uma ruptura também na modernidade, em que a literatura, o cinema, as artes plásticas e outras manifestações artísticas apresentavam uma constante mudança em decorrência das transformações que a sociedade apresentava. Através da desconstrução da ideia de arte apenas pelo belo, os artistas daquele período buscavam a quebra da ideia da literatura como algo intocável, que beira o sagrado, assim como o

distanciamento dos padrões estrangeiros, tendo isso ganhado muita força depois do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade.

Nesse sentido, vê-se cada dia mais autores defendendo uma “dessacralização” da literatura, vista por muitos como algo sagrado, ocasionando assim um sistema fechado excludente, que dificulta o pertencimento de obras fora daquilo conceituado como “belo” e desconsidera inúmeros discursos potentes para o entendimento de novas perspectivas humanitárias, simplesmente porque não se adequam aos ideais da elite. Dessa forma, a elitização do circuito literário exclui muitos autores, obras e correntes que têm muito a oferecer aos estudos literários e à crítica literária. Persiste ainda na crítica uma “constante auratização existente no âmbito da literatura, nas academias e escolas, uma extensão das discussões levantadas pela crítica por meio de ideias elitistas, estes que parecem não se desprender, muitas vezes, das abordagens das belas-lettras ainda hoje” (Oliveira, 2017, p. 67).

Os grandes clássicos são defendidos pelos teóricos e pela crítica literária como obras essenciais, no que diz respeito ao seu caráter humanizador, por carregarem uma aura de “boa literatura”, despertando no homem uma série de qualidades que são consideradas essenciais para a sua construção enquanto sujeito. No entanto, existem outras obras que podem despertar a humanidade nos indivíduos sem necessariamente serem renomadas e possuírem um *status* de bela arte. Muito se fala e se critica os chamados *best sellers*, devido ao seu caráter mais comercial e popular, entretanto, muitas pessoas têm essas produções como suas primeiras leituras e por muito tempo são elas o único contato com a literatura que a maioria possui.

É muito natural, por exemplo, a primeira familiaridade com a leitura ser por meio de gibis e histórias em quadrinhos, tanto nacionais quanto internacionais, frequência esta que perpassa até a fase adulta e mostra uma grande força das narrativas gráficas no cenário nacional. De acordo com uma pesquisa do Instituto Pró-Livro, intitulada “Retratos da Literatura no Brasil”, feita entre o final de 2019 e início de 2020, a porcentagem de preferência entre livros de literatura e histórias em quadrinhos é a mesma, estando os dois empatados com 20% na frequência de leitura. Sendo assim, o que torna as histórias em quadrinhos “menores” em relação à alta-literatura? Já que elas abordam inúmeras temáticas, oferecem espaço para os mais variados grupos e se mostram como uma força essencial na construção leitora a nível nacional e mundial. Mesmo assim, as “HQs” ainda enfrentam certa relutância para se fazerem presentes nos espaços das salas de aula na academia.

Além disso, é necessário discutir as consequências da linha de pensamento que diz respeito à defesa da literatura como uma instância humanizadora. Segundo os estudiosos que se apegam a essa afirmativa, os clássicos persistem até hoje como elementos fundamentais no

cânone, sendo apazíveis para todas as diferentes camadas da sociedade, porque conseguem despertar nos seres humanos traços essenciais de uma humanidade que estaria de certa forma adormecida. De toda forma, essa não deixa de ser uma visão elitista e utópica da literatura, visto que “a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão” (Dalcastagnè, 2012, p. 8).

Candido (1999) apresenta algumas funções da literatura que se mostram interessantes para compreender a visão de uma parcela da crítica literária acerca da finalidade de uma obra num contexto social. Uma primeira função da literatura se baseia num caráter psicológico, que diz respeito a uma necessidade humana universal de ficção do real, uma busca por fantasiar situações e eventos que seriam inerentes ao homem, tanto na fase adulta quanto na infância, nos mais diversos graus de escolaridade. A partir disso, a literatura surgiria como uma resposta a esses anseios e se manifestaria a partir de trocadilhos, adivinhas, sendo mais complexos no nível das narrativas populares, mitos e lendas folclóricas, seguidos pela publicação de livros, jornais e revistas, até a contemporaneidade em que vemos uma ascensão da comunicação através da imagem e das novas ferramentas de comunicação oral, como a telenovela, histórias em quadrinhos, cinema, etc.

Nesse sentido, o interesse por ficção mostra-se presente na vida humana a todo momento, defendida pelo autor nas mais simples situações cotidianas: um palpite na loteria, uma construção ideal ou anedota, ou a imaginação de uma determinada situação futura, sempre tendo como ponto de partida a realidade sensível daquilo visto no mundo. Isso estaria relacionado a um “devaneio” essencial na produção da imaginação poética, que influencia na percepção dos leitores sobre o mundo à sua volta, podendo atuar de forma consciente ou inconsciente na formação humana, remetendo assim à ideia de literatura como um objeto humanizador que “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 1999, p.85).

Uma outra função da literatura, segundo Antonio Candido, se constrói da premissa que ela serviria como um instrumento da formação da personalidade, que estaria atrelado ao uso de obras literárias como conteúdo didático e educativo, isto, em um contexto em que uma elite dominante tem influência naquilo que é consumido pelas massas, mostra-se como algo problemático. O pesquisador usa como exemplo o componente sexual da literatura para exemplificar como uma sociedade conservadora pode apresentar relutância em conceder

espaço para textos com esse teor, e utilizar outras obras literárias que se adequam ao seu modelo daquilo considerado digno de contemplação.

Em contrapartida, as histórias em quadrinhos conseguem, como qualquer arte, servir como objeto de humanização, já que muitos iniciam suas experiências de leitura com HQs e gibis, e estes apresentam inúmeras maneiras de abordar questões que representam a realidade sensível do indivíduo e despertam sua curiosidade e criticidade. Da mesma forma, elas também são ricas em conteúdo didático, possuem grande material de análise, que vai desde o texto até a semiótica e outras linhas de conhecimento, e não é pelo seu teor popular que obras de significativa profundidade não possam existir.

Reflexos disso podem ser encontrados fortemente nos dias de hoje, na medida em que as obras que são analisadas e consideradas pela crítica, em grande parte, são escolhidas a partir de seus aspectos estruturais, sendo a estrutura do texto o responsável por ditar se uma obra é boa ou não, e seria a partir dela também que seria possível analisar determinadas instâncias que se encontram para além da forma. Contudo, essas concepções ainda são muito pautadas em um viés dominante, que promove uma hierarquia nos estudos voltados para a literatura, ditando aquilo que deve ou não ser objeto de pesquisa, preocupando-se e priorizando a estrutura e a forma e abstendo-se de outros atributos que as criações oferecem que podem agregar na hora de suas análises.

Oliveira (2017), apoiada nos estudos do ensaísta Walter Benjamin, desenvolve uma discussão sobre a “desauritização” da literatura, que diz respeito à busca por uma nova visão das obras de arte, abrangendo literatura, pintura, cinema e outras manifestações artísticas como as histórias em quadrinhos, que foram adquirindo espaço na modernidade. Seu objetivo na contemporaneidade é dessacralizar os estudos literários e seu apego pelo estético, proporcionando um diálogo intercultural democrático e, dessa forma, trazendo novas abordagens para a crítica literária, como os debates sobre violência, desigualdade, personagens secundários, posição do narrador, interculturalidade, a multidão, a cultura das massas, etc. antes vistas apenas no plano da forma.

Entretanto, negar a tradição talvez não seja a melhor saída para os empecilhos aqui discutidos, visto que, para colocar em pauta “novos modos” de se estudar literatura, é necessário partir de princípios auráticos. Dessa forma, para dar voz e consolidar produções que se afastam do considerado como “grande obra”, é necessário voltar-se para a tradição literária, buscando observar o cânone sobre outro viés, lê-lo através de novos olhos:

Uma abordagem das obras que foram excluídas pelo princípio estético, sem o pressuposto de que houve uma aceção de “alta literatura” anterior para

marginalizá-la – pelos valores veiculados pelo narrador, marcas de autoria, linguagem -, não implica em surgimento de princípios “novos”, que partiram “do nada”, uma vez que não traz à luz a matriz de ideais auráticos (Oliveira, 2017, p. 82).

Nesse sentido, não se deve negar o cânone ou a crítica por rejeitarem artistas e obras, muitas vezes, inconscientemente. Todavia, também não se deve deixar de criticar o sistema excludente criado a partir do que é considerado “alta literatura”, mas sim, apresentar novos instrumentos para crítica literária, novos caminhos e opções, de maneira que seja possível observar novas visões de obras clássicas, ao mesmo tempo que também proporciona a abertura para o estudo de novas formas e produções artísticas contemporâneas:

[...] é possível perceber o sagrado cultural com sua aura de superioridade instaurada pela tradição literária, a qual ainda possui resistência ao abrir espaços maiores à alteridade; bem como a crítica do outro extremo, que sugere uma desconsideração dos valores tradicionais como forma de atribuir espaços às vozes da literatura marginalizada. (Oliveira, 2017, p. 88)

Diante disso, por mais que dialoguem muito pouco e estejam em extremos diferentes, deve-se considerar tanto a literatura tradicional quanto a contemporânea, visto que ambas “precisam uma da outra para fundir seus aspectos relevantes e reconfigurar outros que precisem de releitura” (Oliveira, 2017, p. 89). Dessa forma, as duas abordagens devem coexistir, sem que uma se sobressaia à outra na hora da análise de uma obra, além de que, juntas, elas podem possibilitar um enriquecimento maior das discussões acerca das novas manifestações artísticas e literárias.

Tendo isso em vista, abraçar novas manifestações artísticas como os quadrinhos, torna-se de vital importância, considerando sua grande variedade de atributos que podem ser de grande aproveitamento para os estudos literários contemporâneos. Compreender como foi o percurso histórico das histórias em quadrinhos e como elas foram responsáveis por grandes revoluções na maneira como se trabalha o visual e o texto, também sua grande influência no cinema e na tevê, mostra-se de vital importância, justamente para o entendimento de como a arte, em sua constante inovação, proporciona inúmeras ferramentas de identificação, de luta e humanização.

2.2 Percurso histórico das histórias em quadrinhos e graphic novels.

Muitas são os entendimentos acerca das histórias em quadrinhos. Vistas como cultura de massas, entretenimento juvenil, passatempo, parte ou não da literatura, ou simplesmente meras ilustrações, a chamada arte sequencial sempre enfrentou inúmeros desafios na sua inserção na academia, muito disso devido ao seu caráter mais popular. No âmbito acadêmico da Universidade Estadual da Paraíba, por exemplo, não encontramos muitas menções ou

estudos sobre arte sequencial, ou histórias em quadrinhos, sendo isso praticamente inexistente no currículo.

Sabe-se que a utilização de imagens em estruturas narrativas não é algo que vem exclusivamente das HQs e muito menos da contemporaneidade, Nakamura, Voltolini, Bertoloto (2021, p. 179) ao fazerem um percurso histórico da arte sequencial apontam que “o registro de uma narrativa de um fato ou acontecimento através de desenhos e textos sequenciais, que apresentam linguagem verbal ou não verbal, os desenhos registrados nas cavernas são, sem dúvida, os primeiros rabiscos da arte sequenciada [...]”

Nesse sentido, existe um longo caminho percorrido pela arte sequencial até o que hoje se considera como histórias em quadrinhos, como o surgimento das caricaturas no século XIX, que contribuíram de maneira significativa para a chegada mais tarde das HQs e graphic novels. Sieczkowski (2011), utiliza dos estudos de Stephen Weiner para observar a evolução dessa manifestação artística na América do Norte, que tem seu primeiro ato significativo em 1895, com o lançamento do cartum *The Yellow Kid*, de Richard F. Outcault. Aquilo que conhecemos hoje como tirinhas surgiram nos anos seguintes, atrelados a jornais como uma forma de entretenimento, tendo um saldo positivo entre o público.

Após isso, foi somente nos anos 30 que começaram a surgir as publicações de quadrinhos no formato de revistas e livros contendo pequenas histórias reimpressas das tirinhas anteriormente disseminadas nos jornais. A partir disso, o mercado editorial começou a ver essa movimentação como uma oportunidade e empresas como a DC Comics e a Timely, que mais tarde se tornou Marvel Comics, tiveram interesse em publicar conforme os moldes desse novo formato que surgia. As histórias que sucederam essas publicações focavam em super-heróis, tinham os jovens como a maior parcela do público e, por estarem no contexto da Segunda Guerra Mundial, apresentavam histórias e personagens patriotas, como o Capitão América, que naquele período tinha Hitler como maior arqui-inimigo.

Segundo Sieczkowski (2011), os anos seguintes foram complicados para o mercado dos quadrinhos, pois com o fim do período de guerra as histórias de super-herói passaram a enfrentar uma crise, visto que sem o contexto de tensão entre nações não havia um inimigo certo para as narrativas. Como consequência disso, mesmo com o apoio do público jovem, que majoritariamente consumia essas produções, os profissionais da área não se viam motivados em continuar na indústria com a baixa remuneração que recebiam, ocasionando em uma queda de interesse por super-heróis no final dos anos 40.

Já nos anos 50 o mercado dos quadrinhos começa a focar em outras histórias e em outros públicos, tendo um crescimento bastante promissor, que proporcionou o interesse de

empresas como a EC Comics, que tinha como foco publicações de cunho educacional, além de alcançar um público mais velho com histórias de terror, crime e de romance. Entretanto, todos esses avanços foram derrubados após publicações como a do psiquiatra Frederic Wertham, que contribuiu significativamente para a visão deturpada das histórias em quadrinhos. Segundo ele, os quadrinhos eram “uma das principais influências para a rebeldia da juventude, argumentando também que a sua leitura arruinaria o gosto dos adolescentes pela alta literatura” (Sieczkowi, 2011, p. 11).

Após essa polêmica, as editoras buscaram se reinventar e os super-heróis voltaram a ser o grande foco das publicações. A Marvel Comics passou a investir em origens que envolvessem o contexto social da época, que já nos anos 60 enfrentava grande apreensão de uma guerra nuclear, resultando assim na criação de personagens como o Hulk e os X-men, que sofriam grande influência de temas como mutações genéticas e acidentes nucleares. Superada a crise, nos anos 70 as histórias em quadrinhos começam a se reerguer e passam a alcançar um novo público, muito devido à publicação de *A Contract With God Tenement Stories* de Will Eisner, que foi considerada a primeira graphic novel moderna. Essa HQ foi responsável por revolucionar tanto a forma quanto o conteúdo abordado nas produções, pois

Não só o assunto era novo para os leitores de quadrinhos, a apresentação também foi nova. Ao invés de povoar as páginas com painéis detalhando os movimentos dos personagens, os desenhos eram grandes, com foco na expressão facial, e os painéis abriram-se, quase além da página..(Weiner, 2013, p. 17, *apud*. Sieczkowski, 2011, p. 12, tradução do autor).

Como consequência disso, os *Comics* passaram a se tornar cada vez mais direcionados a outros grupos que não fossem o infante-juvenil, expandindo os horizontes de produção e passando a “se levarem a sério”. Em 1976 foi fundada a revista *The Comics Journal*, que cobria estudos sobre quadrinhos de maneira mais sistemática e os levava como um objeto de pesquisa válida e séria. Os personagens fantásticos e super-heróis continuaram presentes, porém, as editoras sentiram a necessidade de contratar novos roteiristas e focar em temas mais universais, que despertassem o interesse de todas as faixas etárias, algo que se estende até a contemporaneidade.

Nas obras deste período até os dias de hoje, é possível identificar um crescente cuidado não só no conteúdo abordado, agora direcionado, sobretudo a um público mais maduro, com temas de maior complexidade, mas também na forma que, por outro lado, também exige proficiência em um tipo específico de leitura visual [...] (Sieczkowi, 2011, p. 13).

Dessa forma, é possível visualizar como a arte de quadrinhos foi moldando-se ao longo da história, influenciando-se pelos anseios e temores dos artistas em diferentes

conjunturas e como foi evoluindo a partir das necessidades estéticas e financeiras dos criadores.

2.3 Breves definições

Desde o seu surgimento, os quadrinhos passaram por inúmeras transformações, e com elas várias definições diferentes. Uma definição foi proposta por Will Eisner (1989), o qual usa o termo arte sequencial, já que, quando colocadas em sequência, a arte da imagem se torna uma história em quadrinhos. Já Scott McCloud, estabelece os quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no telespectador” (McCloud, 1995, p. 9).

O termo arte sequencial pode abranger inúmeras manifestações artísticas, como diagramas ou vitrais, entretanto, um único quadro ilustrado pode não ser considerado como quadrinho por muitos, visto que não existe uma sequência nele. Neste caso, ele pode ser visto como, nas palavras de McCloud, arte em quadrinhos, devido ao seu pertencimento ao vocabulário visual dos quadrinhos, mas essa arte vem se modificando de maneira crescente, e o objetivo de defini-la é um processo contínuo.

Tendo em vista os aspectos que caracterizam as histórias em quadrinhos, McCloud (1995) desenvolve uma discussão sobre o Cartum, suas devidas transformações e variações, e como ele é essencial nos quadrinhos. Diferente de muitos que o consideram como algo pejorativo, devido ao seu caráter simplificador, o cartum é visto pelo quadrinista como uma ferramenta eficiente na hora de contar uma história, uma vez que, simplificando determinado detalhe, um desenhista consegue focar a atenção em outros específicos.

Da mesma forma, o cartum consegue ser universal, pois quanto mais cartunizado um rosto aparece em um quadrinho, mais pessoas ele pode representar. Ao olhar para um desenho realista, é mais fácil visualizar o rosto de uma outra pessoa, mas ao olhar para um cartum, o nível de identificação aumenta, impulsionando a autoconsciência não-visual (McCloud, 1995), que pode facilitar a habilidade de estender identidades para objetos, transformando uma tomada na parede em um rosto, assim como dois pontos, um traço e um parêntese em um rosto sorrindo.

Ainda nessa perspectiva, McCloud aponta que é possível separar as vivências humanas em dois planos, o do conceito e o dos sentidos e, “ao trocar a aparência do mundo físico pela ideia da forma, o cartum coloca-se no mundo dos conceitos” (McCloud, 1995, p.41). Partindo do realismo, o artista consegue representar o mundo externo, enquanto ao usar o cartum, ele consegue alcançar o interno. Esse é um dos motivos, para os cenários em

algumas histórias em quadrinhos apresentarem um maior realismo do que os próprios personagens, pois assim o leitor consegue se disfarçar em um personagem e fazer parte de um mundo mais estimulante.

Em questão de temáticas, as histórias em quadrinhos podem navegar entre os mais diversos gêneros, abordar desde um simples dia na escola, como uma tragédia mundial. Diante disso, dentre as diferentes manifestações da arte sequencial, surgiu a “graphic novel”, termo utilizado pela primeira vez por Will Eisner, e que surgiu como uma maneira de incluir novos artistas, possibilitando a elevação da produção de quadrinhos. A graphic novel ou novela gráfica caracteriza as produções de quadrinhos que apresentam designs mais complexos e sofisticados, com temáticas variadas e mais adultas. Este fenômeno cultural tornou-se tão popular, que editoras como a Marvel e a DC Comics abraçaram esse formato e passaram a produzir histórias que alcançassem esse público, trazendo uma nova perspectiva nas histórias em quadrinhos focadas em super-heróis.

3 UMA LEITURA DE OS FABULOSOS X-MEN: DEUS AMA, O HOMEM MATA

3.1 A importância do herói

O mercado dos quadrinhos teve um saldo positivo durante o decorrer dos anos, mas as HQs sobre super-heróis certamente foram responsáveis por consolidar grande parte da popularidade dessa arte, proporcionando um significativo saldo de consumo e lucro para as empresas focadas nesse tipo de história.

Segundo Silva (2011, p. 2), o termo “herói” é designado para definir “aquele que se diferencia dos demais personagens por seus valores morais e suas ações extraordinárias”, além de se dedicar por uma causa nobre e seguir um código ético exemplar e incorruptível. A diferença de herói para super-herói seria que o segundo possui habilidades extrafísicas, incomuns. Entretanto, alguns teóricos acreditam que para ser um super-herói, o personagem não precisa necessariamente de habilidades especiais, “Esses dois termos podem ser considerados sinônimos que definem um personagem altruísta que dedica sua vida na defesa dos fracos e oprimidos, lutando pela paz e justiça do mundo” (Silva, 2011, p. 3).

Para além disso, HQs sobre super-heróis proporcionam muito mais do que lucro, abordagem da luta do bem contra o mal ou a construção e estabelecimento de um “mocinho”, até porque todos podem cometer erros, até mesmo seres super-fantásticos. Essas histórias são também responsáveis por debates sobre questões humanitárias que vão desde aspectos psicológicos do ser humano, até problemas sociais, representatividade e luta por direitos. A partir disso, é interessante observar que essas questões conseguem alcançar as mais diversas esferas artísticas e estar presentes em um tipo de produção consumida majoritariamente por um público jovem, o que certamente contribui de maneira significativa para a criação de um jovem leitor mais crítico e reflexivo. Silva (2017), acredita que

As lutas por direitos e debates sociais sempre serviram de inspiração seja para a música, cinema ou literatura. Porém, a presença latente de questões como representatividade e direitos humanos, de maneira explícita ou por meio de metáforas, no mundo das histórias em quadrinhos é de se chamar atenção, tamanha a sua força (p. 622).

Tendo isso em vista, e considerando que no Brasil as histórias em quadrinhos são o primeiro contato de muitos leitores, é possível defender que as HQs sobre super-heróis podem despertar, superficial ou profundamente, a consciência de jovens mentes, assim como também das respectivas gerações. Aliados a um contexto de sala de aula, as HQs podem ser uma ferramenta rica de estudo nas mais variadas áreas, promovendo análises sobre imagem, texto e questões humanitárias.

Já que muitas criações de personagens heroicos vieram de um contexto de guerra, é interessante observar que desde o começo, as HQs sobre super-heróis já debatiam sobre questões sociais. Como exemplos têm-se o *Superman*, que além de ser um símbolo de esperança para um povo, era também uma maneira de combater a ideologia nazista de um “super-homem”; o Capitão América, que tinha a princípio os nazistas como archi-inimigos; o próprio *Batman*, que suas histórias geralmente têm como pano de fundo temas como criminalidade e violência urbana; além dos *X-men*, humanos que devido a um salto evolutivo adquirem seus superpoderes desde o nascimento, que mais tarde se manifestam na puberdade e por isso sofrem discriminação da sociedade.

Criados por Stan Lee e Jack Kirby na década de 1960, em um período em que a sociedade temia uma guerra nuclear e que a maioria dos personagens da Marvel adquiriam poderes em detrimento de acidentes radioativos, os X-Men surgem como um grupo de seres fantásticos que possuem uma coisa em comum: todos nasceram com seus poderes, em razão de mutações genéticas descobertas na puberdade. O que começou como um atalho de Stan Lee para não precisar criar uma origem elaborada para um novo grupo de heróis tornou-se uma metáfora para grupos minoritários que sofrem discriminação por serem quem são, visto que os mutantes são temidos e marginalizados pela sociedade da mesma forma que membros da comunidade LGBTQIA+, negros e tantas outras minorias:

É provável que esta analogia tenha se originado em razão de que os heróis são, em sua maioria, adolescentes que se veem às voltas com poderes que se desenvolvem nessa fase da vida, similar à ideia de que é na adolescência que se desenvolve a sexualidade. As dúvidas frequentes dos heróis juvenis e a falta de conhecimento para gerenciar estes poderes podem ser associadas ao sentimento de confusão e medo de pessoas homossexuais ao pensar em encarar o preconceito e os desafios de uma sociedade que não os vê totalmente de maneira positiva (Silva, 2017. p. 628).

Ao longo de todos esses anos, como uma das grandes marcas da Marvel, as histórias dos X-men debateram questões como genocídio, preconceito e a luta por cidadania de grupos minoritários para um público majoritariamente jovem, demonstrando como as histórias em quadrinhos podem tratar de temas de relevância social enquanto desenvolvem personagens queridos pelos leitores. Diante disso, é interessante destacar a semelhança entre Professor X e Magneto e os líderes políticos, Martin Luther King e Malcolm X, já que tanto os personagens fictícios quanto as personalidades reais lutam pela mesma causa através de pontos de vista distintos. Enquanto o Professor X e Martin Luther King defendem os direitos de sua comunidade de forma pacífica, Magneto e Malcolm X acreditam que não é possível resistir a violência do estado sem devolver na mesma medida.

Dentre os temas encontrados e debatidos de forma crítica nas HQs dos X-Men, está o discurso de ódio, dito por Schäfer, *et al* (2015, p. 150) como uma

[...] manifestação de ideias intolerantes, preconceituosas e discriminatórias contra indivíduos ou grupos vulneráveis, com a intenção de ofender-lhes a dignidade e incitar o ódio em razão dos seguintes critérios: idade, sexo, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idioma, religião, identidade cultural, opinião política ou de outra natureza, origem social, posição socioeconômica, nível educacional, condição de migrante, refugiado, repatriado, apátrida ou deslocado interno, deficiência, característica genética, estado de saúde física ou mental, inclusive infectocontagioso, e condição psíquica incapacitante, ou qualquer outra condição.

Um tema tão delicado consegue ser tratado de uma maneira significativa na Graphic Novel *Os fabulosos X-Men: Deus ama o homem mata*, publicada em 1982, escrita por Chris Claremont e ilustrada por Brent Anderson. A história traz a mensagem de que o ódio contra o diferente é, e sempre foi, um câncer na sociedade. Na trama, o líder religioso William Stryker utiliza da mídia e de sua posição privilegiada para conduzir uma série de ataques à minoria mutante, tendo como foco principal Charles Xavier e seus X-Men, que tentam resolver a situação de maneira pacífica e diplomática, defendendo a condição natural da evolução mutante.

Por seguir a estrutura de Graphic Novel, esta aventura dos Filhos do átomo tem um número maior de páginas que uma edição regular e aposta em uma trama mais séria e política do que é normalmente visto em outras histórias da equipe. Chris Claremont utilizou da popularidade X-men e do formato inovador da graphic novel para escrever uma história fora da continuidade cronológica da equipe e, dessa forma, ter mais liberdade para falar dos direitos civis dos negros e da luta por direitos da comunidade LGBTQIA+ de maneira metafórica e alegórica.

A publicação da obra acontece em um período em que os Estados Unidos colhiam os frutos do mandato do presidente Ronald Reagan, candidato conservador do Partido Republicano que instalou medidas neoliberais no país e foi responsável por promover ações contra os ideais progressistas. Diante disso, a ideia de debater questões tão polêmicas em um período tão conturbado para as minorias torna *Deus ama, o homem mata* uma ferramenta de resistência e demonstra como a Marvel sempre pleiteou temas que envolvem grupos marginalizados pela sociedade, diferente do que muitos afirmam nos dias de hoje.

Tendo isso em vista, é perceptível a importância das histórias em quadrinhos sobre super-heróis para construir um leitor mais crítico e ativo na percepção de problemáticas que envolvam a si próprio e àqueles ao seu redor. Para além de algo caricato e infantil, os heróis mostram-se como seres multidimensionais, com diferentes perspectivas e vivências que vão

para além de seus poderes fantásticos. Os X-men são um exemplo claro disso, pelo fato de lidarem com preconceito e discriminação, ao mesmo tempo que lidam com seus poderes, as dores do crescimento e tentam salvar a humanidade dos diferentes “vilões” diariamente.

3.2 Deus ama, o homem mata e as questões sociais.

Logo em suas primeiras páginas, a graphic novel *Os Fabulosos X-men: Deus ama, o Homem Mata* mostra-se como uma das obras mais importantes do universo dos quadrinhos e da história dos X-men como um todo. Em seu prólogo, testemunha-se a perseguição de duas crianças mutantes por um grupo extremista que leva o nome de “purificadores”. As intenções do grupo mostram-se claras desde o princípio: exterminar os jovens, sob a justificativa de que os perseguidos “não têm direito de viver”. Assassinados a sangue-frio, os corpos das vítimas são deixados no local, amarrados, para servirem de exemplo para os demais alunos da escola e para o restante da comunidade de que mutantes não merecem um dos direitos mais básicos de um ser humano: o direito à vida.

Entretanto, antes dos planos dos purificadores se concretizarem por completo, uma figura aparece na cena do crime de ódio. Surge o mutante Magneto, vilão recorrente das histórias dos filhos do átomo que, coberto de raiva, liberta os corpos das crianças. Decepcionado consigo mesmo por não ter conseguido evitar o ocorrido, o mestre do magnetismo jura justiça para com os malfeitores, selando uma das cenas de maior peso no universo dos X-men, justificando a estrutura de graphic novel como escolha de Chris Claremont para contar essa história, já que, geralmente, esse suporte é voltado para um público mais maduro e possui maior liberdade criativa.

O acontecido no início da história demonstra um ponto importante a ser debatido. No artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas afirma-se que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos, dotados de razão e de consciência, e devem agir, uns para com os outros, em espírito de fraternidade” (ONU, 1948, artigo 1º). Já no terceiro artigo é dito que “toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança da pessoa” (ONU, 1948, artigo 3º). Diante disso, se todos os seres humanos nascem livres, possuem direitos iguais sem distinção e um deles é o direito à vida, logo, a postura de grupos extremistas como os purificadores e tantos outros na vida real, configuram-se como uma violação grave dos direitos humanos.

Para além disso, essa discussão nos leva para outro caminho. Mesmo estando presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o direito à vida mostra-se arbitrário quando grupos como o visto na história tiram vidas sob a premissa de que estes “não têm direito de

viver”. Trazer uma discussão como essa é de grande importância, e ver isso representado em uma HQ de super-heróis mostra como essa arte tem muito a oferecer na discussão sobre questões humanitárias.

Retornando para a trama, seguido do forte discurso do mutante Magneto, o real antagonista e os heróis da história são apresentados. O primeiro, o líder religioso extremista, reverendo William Stryker, é visto primeiramente redigindo o sermão de domingo em uma transmissão para seus fiéis no edifício Stryker, quartel-general da cruzada stryker. O sermão em questão é feito através de uma citação de Deuteronômio 17:2-5:

Quando no meio de ti, em alguma das tuas portas que te dá o Senhor teu Deus, se achar algum homem ou mulher que fizer mal aos olhos do Senhor teu Deus, transgredindo a sua aliança. Que se for, e servir a outros deuses, e se encurvar a eles ou ao sol, ou à lua, ou a todo o exército do céu, o que eu não ordenei, E te for denunciado, e o ouvires; então bem o inquirirás; e eis que, sendo verdade, e certo que se fez tal abominação em Israel, então tirarás o homem ou a mulher que fez este malefício, às tuas portas, e apedrejarás o tal homem ou mulher, até que morra. (*apud*. Claremont; Anderson, 1986, p. 08).

O uso de tal citação pode ser visto como uma justificativa para as atrocidades executadas pelos membros da cruzada stryker, visto que isso pode ser interpretado como um consentimento para os fiéis apedrejarem até a morte aqueles que são mal vistos aos olhos do criador. Dessa forma, os seguidores de Stryker se sentiriam confortáveis em perseguir grupos que considerem indignos de salvação, algo comum quando se fala sobre líderes religiosos extremistas, que utilizam do texto bíblico como fio para crimes de ódio.

Já os heróis são apresentados após uma chamada no telefone do reverendo mencionar fitas informativas, tendo como objeto de estudo Os Fabulosos X-men, “equipe de supostos super-heróis cuja filiação consiste exclusivamente de mutantes, pessoas nascidas com poderes extraordinários” (Claremont; Anderson, 1986, p. 09). Os personagens são então apresentados um por um, sendo eles: Scott Summers, mais conhecido como Ciclope, mutante capaz de projetar rajadas de força a partir de seus olhos; Tempestade, ou Ororo, possuidora do dom de controlar o tempo; Logan, que leva o nome heróico Wolverine, composto por um esqueleto de um metal raro chamado adamantium, com garras afiadas e fator de cura; Colossus, capaz de transformar seu corpo em aço orgânico; Ariel, um dos muitos codinomes de Kitty Pryde, capaz de tornar-se intangível e passar o corpo por objetos sólidos; e Noturno, um teleportador que possui ótimas habilidades acrobáticas e também o dom de se fixar em paredes e tetos. A gravação ainda dá ênfase no líder da equipe e também mutante, o professor Charles Xavier e sua escola para jovens superdotados, local onde o grupo firma sua base.

O prólogo encerra-se então com uma assistente do reverendo Stryker o lembrando de uma hora marcada para uma transmissão e o questionando se as figuras que estão sendo vistas são os chamados X-men, ao passo que o religioso responde: “com certeza, mas, se Deus quiser e tudo der certo... não serão por muito tempo” (Claremont; Anderson, 1986, p. 09), demonstrando assim o seu desejo de livrar-se dos heróis, e partindo para realizar seus planos.

No primeiro capítulo, a cruzada stryker vira tema de discussão e até de violência física entre Kitty Pryde e um colega de classe, que tem fim devido à interferência de Colossus. O conflito expõe dois pontos de vista distintos sobre a questão: Kitty enquanto uma mutante vê a cruzada como uma abominação, Daniel, que não é um portador do gene x (ou gene mutante) abraça a causa junto com os seus pais, acreditando que o movimento irá salvar a humanidade das “hordas impuras da raça mutante”. A professora de dança de Stevie Hunter procura acalmar os ânimos de Kitty, mas a garota a confronta, questionando se Stevie manteria a calma se Daniel tivesse se referido a Kitty como “chegada de crioulos”, ao passo que Hunter, enquanto uma mulher negra, se entristece, mesmo acreditando que a garota está certa.

A cena pauta uma questão interessante no que diz respeito à empatia entre grupos minoritários, já que muitas das lutas por direitos civis são feitas a partir da colaboração entre indivíduos de diferentes esferas que, por vivenciarem realidades parecidas, constroem uma união a fim de conquistar direitos básicos negados pelo estado. Kitty e Hunter podem ser vistas como iguais diante da discriminação que ambas sofrem na sociedade, porém, nesta história, Stevie é vista como traidora da raça humana pelos membros da cruzada stryker, logo após Colossus e Kitty deixarem a cena, tudo isso por a professora ser apoiadora da causa mutante, vista por eles como um inimigo maior que qualquer outro.

Ainda nesse pensamento, Silva (*et al*, 2011) aponta que discursos de ódio podem ser vistos a partir de dois atos: insulto e instigação. O primeiro diz respeito aos atos de agressão e perseguição de grupos que apresentam algum traço que os marcam enquanto minoria. Já o segundo, é voltado para prováveis “outros” leitores do discurso que não são considerados parte da parcela perseguida e, dessa forma, são convidados a fazer parte das manifestações discriminatórias, buscando ampliar as ações do grupo dominante para outros veículos. Hunter pode ser vista como parte dos indivíduos a quem os purificadores gostariam de alcançar no ato de instigação, esperando que, por ela não carregar o gene mutante, automaticamente estaria propícia a compactuar com o discurso proferido pelo grupo extremista.

De volta ao Instituto Xavier Para Jovens Superdotados, Kitty e Colussus encontram o restante da equipe aguardando a transmissão do noticiário da noite, que apresentará um debate entre Charles Xavier e o reverendo Stryker. Com uma ótima habilidade de persuasão, Stryker

consegue voltar a situação para o seu lado da discussão e levanta questões que desarmam o Professor X, que não podendo se aprofundar na discussão por temer que sua conexão com a comunidade mutante seja descoberta, acaba por não conseguir defender sua causa.

Quanto a essa cena em específico, o líder religioso demonstra uma das suas habilidades mais perigosas, que é a persuasão das massas, aqui vista via veículos de mídia, pois, para alcançar um número maior de pessoas, o discurso de ódio

deve ser veiculado por um meio comunicacional. Esse meio é escolhido de acordo com o período histórico vivido pelo autor, com suas condições aquisitivas e de acesso às tecnologias, com o público visado por este, entre outras variáveis. Inclusive, pode-se dizer que o discurso é tanto mais nocivo quanto maior o poder difusor de seu meio de veiculação (Silva, *et al*, 2011, p. 449).

Entretanto, os membros da Cruzada Stryker tinham um plano em mente desde o princípio. Professor X, Tempestade e Ciclope são emboscados na saída do estúdio de tevê, quando seu carro recebe um bombardeio. Feridos, eles ainda conseguem deixar o veículo, mas são derrubados um a um pelos soldados, seguido da destruição do carro. Em casa, os demais membros da equipe recebem uma ligação que revela a trágica notícia: Charles, Scott e Ororo haviam sofrido um acidente e, encontravam-se mortos.

O segundo capítulo inicia-se com uma Kitty Pryde em prantos, quando Illyana, irmã de Colossus, chega para avisar que as duas estão sozinhas na mansão. Irritada, Ariel desconta sua raiva na amiga, que a conforta, tentando mostrar outro lado para a situação. Depois de algumas risadas, Illyana comenta sobre um objeto estranho na margem do lago apontando para a mansão, que Kitty logo reconhece como um sensor eletrônico. Com seus poderes de intangibilidade, a garota danifica a máquina e as duas esperam escondidas alguém consertar.

Na cidade, o restante da equipe examina o local onde a tragédia aconteceu. Wolverine acredita que o ocorrido não foi um acidente, os cheiros não se assemelham com os que estavam no acidente e tudo parecia muito orquestrado. Ele então chega à conclusão de que tudo foi uma grande armadilha para fazê-los acreditar que Scott, Ororo e Charles estavam mortos. Noturno, que estava vigiando o carro da equipe durante esse tempo, comenta pelo rádio que duas pessoas haviam checado o veículo e agora observavam o local. Os mutantes então atacam os observadores, conseguindo êxito na investida, até que Colossus é atingido e eles recebem a ajuda de um aliado inesperado: Magneto.

De volta à mansão, Kitty e Illyana esperam escondidas, quando algumas figuras aparecem. São membros da cruzada stryker que vieram consertar o sensor e resolver o problema. Ariel deixa Illyana e faz uma sondagem no local, entretanto, com a máquina consertada, os invasores conseguem captar a presença da garota escondida e, sem pensar duas

vezes, disparam. Observando a cena, Kitty fica horrorizada, mas logo percebe que a amiga continua viva. Os soldados colocam a ferida no carro e a garota intangível esconde-se no carro, só para ser percebida pelos sensores dos agressores, que lançam um gás dos nervos para desabilitá-la e capturá-la.

Enquanto um carro deixa a propriedade, outro chega. Os demais protagonistas começam a interrogar aqueles que capturaram, e depois de uma tentativa violenta e sem sucesso de Wolverine, Magneto consegue retirar informações dos agressores. Ambos fazem parte da cruzada stryker, seu objetivo é a completa erradicação da raça mutante e a maneira de conseguir isso é derrubando o homem que se dedicou a causa do Homo Superior, Charles Xavier. Mais um genocídio em nome de Deus, como diz Magneto.

Buscando perseguir um indivíduo para atingir um todo, os purificadores realizam uma característica comum de discurso de ódio, pois “mesmo que este indivíduo tenha sido diretamente atingido, aqueles que compartilham a característica ensejadora da discriminação, ao entrarem em contato com o discurso odioso, compartilham a situação de violação (Silva, *et al.*, 2011, p. 449)”.

O terceiro capítulo apresenta uma das cenas mais fortes da história dos filhos do átomo, quando o professor x é torturado pelos membros da cruzada stryker. A partir de uma lavagem cerebral, Charles vê seus X-men um por um utilizando de seus poderes para atacá-lo. Ele sabe que a imagem não é real, mas mesmo assim sofre ao ver seus alunos em figuras demoníacas, enquanto o leitor consegue visualizar na página uma passagem bíblica com os dizeres: “e eles o trouxeram até o calvário e o crucificaram”.

FIGURA 1 - PASSAGEM BÍBLICA



Fonte: Claremont; Anderson, (1986, p.31).

Uma figura de branco surge como uma salvação para o professor, mas este recusa no último segundo, impedindo os planos de seus captores. Enquanto isso, Tempestade e Ciclope são mantidos em poltronas especiais que neutralizam seus poderes, ao mesmo tempo, ampliam sua sensibilidade psíquica a um ponto que quando são torturados, Xavier também sofre. Ororo questiona o reverendo sobre os motivos de tamanha crueldade, ao passo que o religioso começa a contar sua história. Ele narra um acontecimento de anos atrás, época antes de se tornar pastor, em que uma viagem em família transformou-se em um desastre, quando um acidente de carro obrigou Stryker a realizar o parto de sua esposa.

Quando a criança nasceu, o reverendo a assassinou sob a justificativa de acreditar que se tratava de um monstro. Quando sua esposa acordou, achou prudente também matá-la e explodir o carro, limpando seus rastros. Meses depois, ao ler um artigo escrito por Charles Xavier, descobriu que a criança se encaixava no que era dito como um mutante. A partir disso, Stryker passou a acreditar que aquilo era um sinal divino, informando que sua esposa carregava grande pecado e que era sua missão destruir uma das maiores tramas satânicas contra a humanidade: os mutantes.

A atitude desumana de William com seu filho e a sua caçada contra os mutantes vai de encontro com algumas das discussões mais básicas sobre a dignidade humana, no que tange às discussões sobre direitos e deveres presentes em uma sociedade, já que

pode complementar o que está escrito de uma forma mais clara através dos desenhos. McCloud (1995), comenta que palavras e desenhos funcionam como parceiros de dança em histórias em quadrinhos, é necessário que exista uma condução mútua dos dois para que a história alcance resultados apreciáveis. Além disso, o autor ainda apresenta diferentes maneiras de combinação entre imagens e palavras em quadrinhos, e a categoria que mais se encaixa na vista na cena destacada acima é a interdependente, “onde as palavras e imagens se reúnem para transmitir uma ideia que nenhuma das poderia exprimir sozinha” (McCloud, 1995, p. 155).

Retornando para a trama, o reverendo explica que não matou os prisioneiros porque possui outros planos, além de revelar a fonte que informou tudo sobre os X-men. Um chamado no telefone o interrompe. São os membros da cruzada que haviam capturado Kitty e Illyana, solicitando ordens do que fazer com as garotas. Ele então deixa o destino de Illyana nas mãos de uma de suas seguidoras e, sob os protestos de Tempestade, dá a ordem para matarem a garota que atravessa paredes, seguido de mais um trecho de Deuteronômio: “E o Senhor teu Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas;” (Deuteronômio, 7:2 *apud*. Claremont; Anderson, 1986, p. 37).

Entretanto, para a surpresa dos purificadores, Kitty consegue escapar de seu destino cruel, com a ajuda de seus poderes e parte para se salvar no meio das ruas escuras de Nova York. Em meio a fuga, ela se depara com um grupo de homens que tentam abusar dela, mas logo são impedidos pelos purificadores, que iniciam um tiroteio. A garota foge novamente e consegue ligar para casa, mas uma explosão destrói seus planos e tudo ao seu redor, fazendo com que a jovem escolha um trem em movimento como sua única chance. Com seus poderes possibilitando sua locomoção no ar, Kitty consegue adentrar no trem, somente a tempo de ser atacada novamente pelos purificadores.

A garota é então salva pelos X-men remanescentes e Magneto, que utiliza os destroços do trem como um tapete voador improvisado. Enquanto isso, utilizando de lavagem cerebral, auxiliado com citações bíblicas utilizadas como justificativa, Stryker consegue controlar o Professor X o suficiente para causar danos suficientes para deixar Scott e Ororo sem sinais vitais. O restante da equipe consegue render um dos seguidores do religioso e recolher algumas informações, ajudando-os a salvar Illyana, Ciclope e Tempestade, que se encontram praticamente sem vida. Magneto consegue reanimá-los e com a equipe a salvo, é chegada a hora de agir.

No quarto e último capítulo da graphic novel, é chegado o dia do aguardado sermão do reverendo Stryker, com convites enviados para as maiores figuras do país, prometendo ser um grande e importante evento. A comunidade religiosa acredita que os objetivos da cruzada não são tão nobres e, por essa razão, começaram a questionar as escolhas de Stryker. Para eles, atacar um grupo de pessoas e estigmatizá-lo como “menos que humanos” é uma atitude que lembra os ideais nazistas.

Isso remete a outro ponto importante a ser destacado, no que tange os discursos de ódio na realidade, que são justamente os meios de propagação de ideias escolhidos por William Stryker e tantas figuras na atualidade. Silva (*et al*, 2011, p. 448), discute que, quando se trata de persuasão

o discurso de ódio aproveita-se de elementos relativos à área de publicidade e propaganda para angariar adeptos, quais sejam, a criação de estereótipos, a substituição de nomes, a seleção exclusiva de fatos favoráveis ao seu ponto de vista, a criação de “inimigos”, o apelo à autoridade e a afirmação e repetição [...] Aliado a isso, o discurso procura aumentar sua probabilidade de aceitação por conta do uso de argumentos emocionais e da ausência de contraposição direta e imediata a tais mensagens.

Dessa forma, William visa utilizar de sua influência nos meios midiáticos para alcançar um número maior de apoiadores para sua causa, através de um sermão que alcançaria um público numeroso, sem haver um contraponto para combatê-lo, como anteriormente no debate com Xavier, procurando assim convencer os espectadores através do emocional, sob um único ponto de vista.

O objetivo secreto do pastor é ampliar os poderes de Xavier, a fim de destruir as mentes dos mutantes presentes no Madison Square Garden, tanto os latentes, quanto os ativos. Ele então inicia seu sermão falando sobre indivíduos cuja existência é uma afronta para a criação divina e questiona os presentes se a humanidade deve permitir que pessoas defendam os mutantes como um processo natural da evolução, ou que as crianças nasçam como “monstros”. Segundo o reverendo, qualquer desvio do sagrado ser feito por Deus não pode vir do céu, mas do inferno.

Esta é uma fala muito comum quando se trata de grupos religiosos extremistas contra minorias. É um discurso utilizado principalmente contra membros da comunidade LGBTQIA+, e é assustador que uma história publicada em meados dos anos 80 consiga ser tão atual. Se Deus ama, o homem mata já é chocante para os olhos do público do atual século, quem dirá para os leitores da época, ao trazer um debate tão real e polêmico em um período em que esse tipo de questão era pouco comentado, ainda mais quando se trata de uma publicação voltada para um público-leitor consideravelmente jovem.

No que diz respeito a trama da HQ, as atitudes de Stryker poderiam ser facilmente comparadas a de políticos e outras figuras da atualidade, que utilizam trechos bíblicos para cometer crimes de ódio. Aqui esse discurso quase consegue êxito, se não fosse pela entrada de Magneto no evento programado pelo reverendo. Enquanto as pessoas ao redor da máquina amplificadora começam a apresentar os mesmos sintomas sentidos por Tempestade e Ciclope anteriormente, o mutante que controla o metal chega para confrontar o idealizador da chacina que se anunciava. Porém, sob ordem de Stryker, Magneto é atingido e jogado contra a multidão enfurecida, que parte para atacá-lo. Anne, uma das seguidoras mais fiéis do reverendo, começa a sentir-se afetada pelos feixes e, sem pensar duas vezes, o religioso a arremessa do palanque, tirando sua vida.

Os X-men chegam, subitamente, com uma investida que consegue destruir a máquina de Stryker e partem para confrontar o pastor. A cena que se segue é uma das mais emblemáticas da história dos Filhos do átomo: Ciclope, relembra o religioso das crianças assassinadas no início da história, afirma que Stryker é um exemplo de pessoas que contribuem para que mutantes vivam nas sombras, tementes de suas vidas, e questiona se os purificadores fariam o mesmo com alguém apenas pela cor de sua pele. O pastor responde que, seja qual for a crença ou raça de um homem, ele ainda é humano, enquanto as crianças em questão e os X-men, não. A resposta de Scott traz uma reflexão interessante:

Temos dotes únicos, é verdade... mas isso não é mais do que tem um médico, um filósofo, um atleta. Quem pode dizer se somos um acidente da natureza ou uma providência divina? Será que rótulos arbitrários são mais importantes que o modo como vivemos? E o que dizem de nós, mais importante do que o que realmente somos? Afinal de contas, quem pode provar que você não é um mutante... e nós a verdadeira raça humana? (Claremont; Anderson, 1986, p. 61).

Diante disso, Stryker aponta para noturno e faz o questionamento que tornou essa história tão importante na história dos filhos do átomo: “Humana, você ousa chamar ele... aquilo... de humano?!”.

FIGURA 3 - VOCÊ OUSA CHAMAR ELE... AQUILO... DE HUMANO?!



Fonte: Claremont; Anderson, (1986, p. 61)

Kitty então sai em defesa do amigo, afirmando que ele é um mais humano que Stryker, e que se tem que escolher entre acreditar em Deus e gostar do amigo, ela escolhe o companheiro de equipe. O reverendo chama a atitude de blasfêmia e aponta a arma para o grupo de heróis, mas antes que consiga efetuar o disparo, um dos guardas que presenciava a cena atira primeiro, deixando-o incapacitado.

No epílogo, os X-men se reúnem em frente a tevê poucos dias após os ocorridos, enquanto assistem o noticiário, que informa que o reverendo foi indiciado juntamente com os purificadores pelos seus crimes. Também comunica que Stryker viu tudo isso como uma perseguição religiosa e que suas ações serão vistas como meritórias. Magneto entra em cena e expressa sua opinião sobre tudo, dizendo que a vitória é vazia, pois as pessoas continuam pensando da mesma forma do grupo extremista e que os métodos de Xavier são inadequados para a defesa da raça mutante. Charles concorda com o velho inimigo, ao passo que Ciclope se recusa, afirmando que a luta deve persistir, pois mudanças acontecem de forma gradual.

Esse ponto de vista muda a perspectiva do Professor X, fazendo-o recusar a proposta de união de Magneto, que deixa a mansão decepcionado. O professor X se emociona, cheio de orgulho por seus alunos, enquanto Scott e Ororo conversam do lado de fora sobre amor, empatia e atenção por aqueles com que se importam. A história se encerra com os dois lamentando não existir apenas o amor no mundo.

Pode-se dizer que os crimes e atitudes cometidas pelo Reverendo Stryker e seus purificadores configuram-se como discurso de ódio, pois, nas palavras de Schäfer (2015, p. 147) esta manifestação está dirigida a “estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala

articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão.” O que é visto na HQ é justamente um grupo que persegue e mata uma minoria, incitando preconceito e discriminação a partir de ideais religiosos, sob o argumento de proteção da moral e dos bons costumes daquilo considerado criação divina.

Diante disso, Claremont cria uma história que consegue debater questões de vital importância, mesclando momentos de ação e drama que buscam despertar no leitor o interesse e a empatia pelos protagonistas. Tem-se aqui discutida uma obra rica em diversos elementos que podem fomentar em discussões das mais diversas e demonstra como as histórias em quadrinhos devem ser vistas como material de pesquisa, na medida em que podem provocar reflexões acerca do elemento humano, busca por direitos, discursos opressores e tantas outras temáticas discutidas nas mais diversas criações.

Para além das discussões e reflexões presentes no texto, as HQs ainda oferecem um rico material visual e uma linguagem própria, e é isso que veremos no tópico seguinte, a partir dos traços de Brent Anderson.

3.3 Para além do roteiro

As histórias em quadrinhos possuem um leque extenso de formas e visuais que podem ir do multicolorido ao preto e branco, diferentes formas cronológicas, com ou sem balões. Todas essas escolhas feitas pelo artista influenciam significativamente na experiência de leitura, é a partir delas que o ilustrador consegue adicionar diferentes camadas à sua obra. Segundo o quadrinista Scott McCloud, uma boa HQ é aquela que consegue combinar desenho e roteiro, mesclando as diferentes formas de expressão de maneira harmoniosa (McCloud, 1995), e é para essa harmonia que nos voltaremos neste tópico, a partir dos traços sublimes de Brent Anderson.

Tomando como ponto de partida, entre as características presentes em quadrinhos estudadas por McCloud em seu texto está a sarjeta, que seria o espaço entre os quadros de uma HQ. Nela, “a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia” (McCloud, 1995, p. 66). Para o quadrinista, os quadros da história são responsáveis por fragmentar o tempo e o espaço, contribuindo para a construção de um “ritmo recortado de momentos dissociados”. Tudo isso devido à conclusão, uma peça importante nas histórias em quadrinhos, que denomina o processo mental que os leitores realizam na assimilação entre quadros, permitindo conectar os momentos e concluir mentalmente uma realidade unificada.

Sendo o elo que liga o leitor e a obra, a conclusão mostra-se como a gramática das histórias em quadrinhos, e o visual, seu vocabulário (McCloud, 1995). Diante disso, o estudioso cataloga seis diferentes tipos de transições de quadros, sendo elas: momento-para-momento; ação-para-ação; tema-para-tema; cena-para-cena; aspecto-para aspecto; non-sequitur. Entre as mais usadas entre os quadrinistas americanos estão a segunda, terceira e quarta transições, que podem ser vistas em *Os fabulosos X-men: Deus ama, o homem mata*.

A transição ação-para-ação é dita como a presente em “um único tema de progressão distinta de-ação-para-ação”; já o tema-para-tema permanece numa mesma cena ou ideia e necessita de um envolvimento maior do leitor; as transições de cena-para-cena exigem uma dedução maior do público, já que apresentam uma distância maior de tempo e espaço.

FIGURA 4 - TRANSIÇÃO AÇÃO-PARA-AÇÃO



Fonte: Claremont; Anderson, (1986, p. 30).

FIGURA 5 - TRANSIÇÃO TEMA-PARA-TEMA



Fonte: Claremont; Anderson, (1986, p. 29).

FIGURA 6 - TRANSIÇÃO CENA-PARA-CENA



Fonte: Claremont; Anderson, (1986, p. 27).

Além disso, a sarjeta e a conclusão influenciam em outro atributo dos quadrinhos de grande relevância debatido por McCloud: o tempo. No quarto capítulo de seu livro “*Desvendando os Quadrinhos*”, o quadrinista explica como os quadros influenciam de maneira significativa na construção de tempo em uma HQ, eles são indicadores gerais de como o tempo ou espaço está sendo dividido (McCloud, 1995). O que se mostra interessante é que não existe uma diagramação exata nessa ferramenta, a disposição entre dois quadros pode tanto demonstrar uma passagem de tempo de segundos, quanto de meses ou anos. Um mesmo quadro também pode durar alguns segundos, um minuto ou vários. No exemplo abaixo, os personagens se encontram após o resgate de Ciclope e Tempestade, e é possível perceber pela disposição dos balões que a cena dura mais do que um mero segundo, pois há mais de um acontecimento:

FIGURA 7 - AÇÕES SIMULTÂNEAS



Fonte: Claremont; Anderson, (1986. p. 50).

Ainda sobre isso, McCloud discorre sobre como cada quadro em que o leitor posiciona o olhar se torna o presente, da mesma forma, todos os que vieram antes ou depois tornam-se respectivamente presente e passado:

onde seus olhos estiverem concentrados, esse vai ser o seu agora, só que seus olhos também captam a paisagem circunvizinha do passado e futuro. Como numa tempestade, o olho corre sobre a página, empurrando o futuro de alta pressão à sua frente, deixando o passado de baixa pressão em sua esteira (McCloud, 1995, p. 104).

Entretanto, o autor deixa claro que isso não é necessariamente uma regra, e que os cartunistas podem utilizar da convenção de ler da esquerda para a direita como uma maneira de brincar com o leitor, fazendo jogos em que cena de cima se conecta com a de baixo, como na vista abaixo, em que o leitor consegue visualizar uma fuga da leitura esquerda-direita, sendo vista aqui através da conexão do quadro de cima com o de baixo. Ainda é possível visualizar a maneira como o desenho de Brent Anderson consegue apresentar o movimento de ataque de Colossus, mesmo que os quadrinhos sejam uma arte em que o tempo apresenta-se parado:

FIGURA 8 - AÇÕES NÃO LINEARES



Fonte: Claremont; Anderson,(1986. p. 25).

Isso nos leva a um outro ponto muito interessante: a forma como as linhas e traços são de vital importância para contar a história de uma HQ. Diferentes tipos de linhas podem exprimir os mais diversos sentimentos, tendo um alto poder expressivo.

Só pela direção, uma linha pode ir de passiva e infinita para orgulhosa e forte, até dinâmica e mutável! Pela sua forma, ela pode ser importante e grave, cálida e delicada, ou racional e conservadora. Pelo seu caráter, pode parecer selvagem e mortal, fraca e instável ou honesta e direta. As linhas mais “inexpressivas” da terra sempre podem caracterizar alguma coisa (McCloud, 1995, p. 125).

Nos anos 60/70 os traços da Marvel eram mais cordiais e dinâmicos, visto seu público mais jovem, pré-adolescente. Com o passar dos anos, eles passaram a apresentar linhas com um caráter mais hostil, com hachuras, acompanhando as ansiedades do público adolescente. Essa diferença é perceptível quando se observa o contraste entre os traços de John Byrne em *The Uncanny X-men 142* e os de Brent Anderson em *Deus ama, o homem mata*:

FIGURA 9 - OS TRAÇOS DE ANDERSON



Fonte: Claremont; Anderson (1986. p. 30).

FIGURA 10 - OS TRAÇOS DE BYRNE



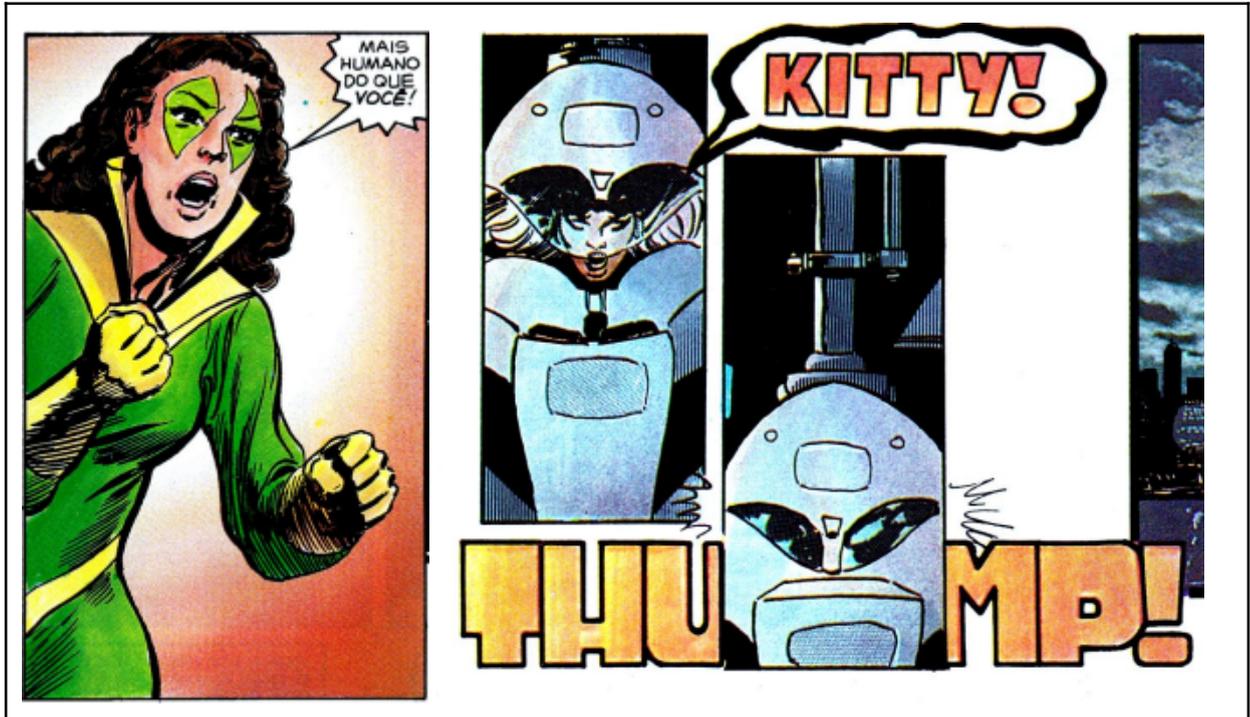
Fonte: Claremont; Byrne (1981. p. 18).

Linhas e traços conseguem destacar a maneira como as HQs apresentam uma linguagem própria. Basta observar como um artista desenha as linhas de fumaça de um cachimbo e o odor de algum material: o primeiro representa algo realmente visível, enquanto o outro, algo abstrato e invisível; dessa forma, este último deixa de ser uma figura e passa a ser um símbolo, e os símbolos são ditos por Scott como a base da linguagem. Para além disso, alguns meios de se destacar a emoção de personagens também são visuais, como a gota de suor ou o “x” nos olhos de alguém quando se está morto ou desacordado. Quando essas imagens ultrapassam o limite do contexto visual elas se tornam símbolos, e o “afastamento do visível para o invisível tem sido a base para todas as linguagens escritas da civilização”(McCloud, 1995, p. 130).

Um outro elemento visual muito importante nos quadrinhos é o balão de fala, ele é o ícone mais complexo, que apresenta maior versatilidade e o mais utilizado dentro das HQs. Visto por muitos como algo simples, o balão apresenta um grande desafio para os quadrinistas, pois é necessário um cuidado e um detalhismo muito preciso para entregar um visual digno de apreciação. Os criadores de quadrinhos a todo momento tentam novas formas

de representar o som de maneira visual, novas formas de balão surgem recorrentemente e dentro deles os símbolos são adequados e inventados para dar conta dos aspectos não-verbais. Mudanças de cores, variações de formatos ou letras, demonstram formas diferentes de expressão da fala e um esforço dos artistas de captar a essência do som.

FIGURA 11 - BALÕES



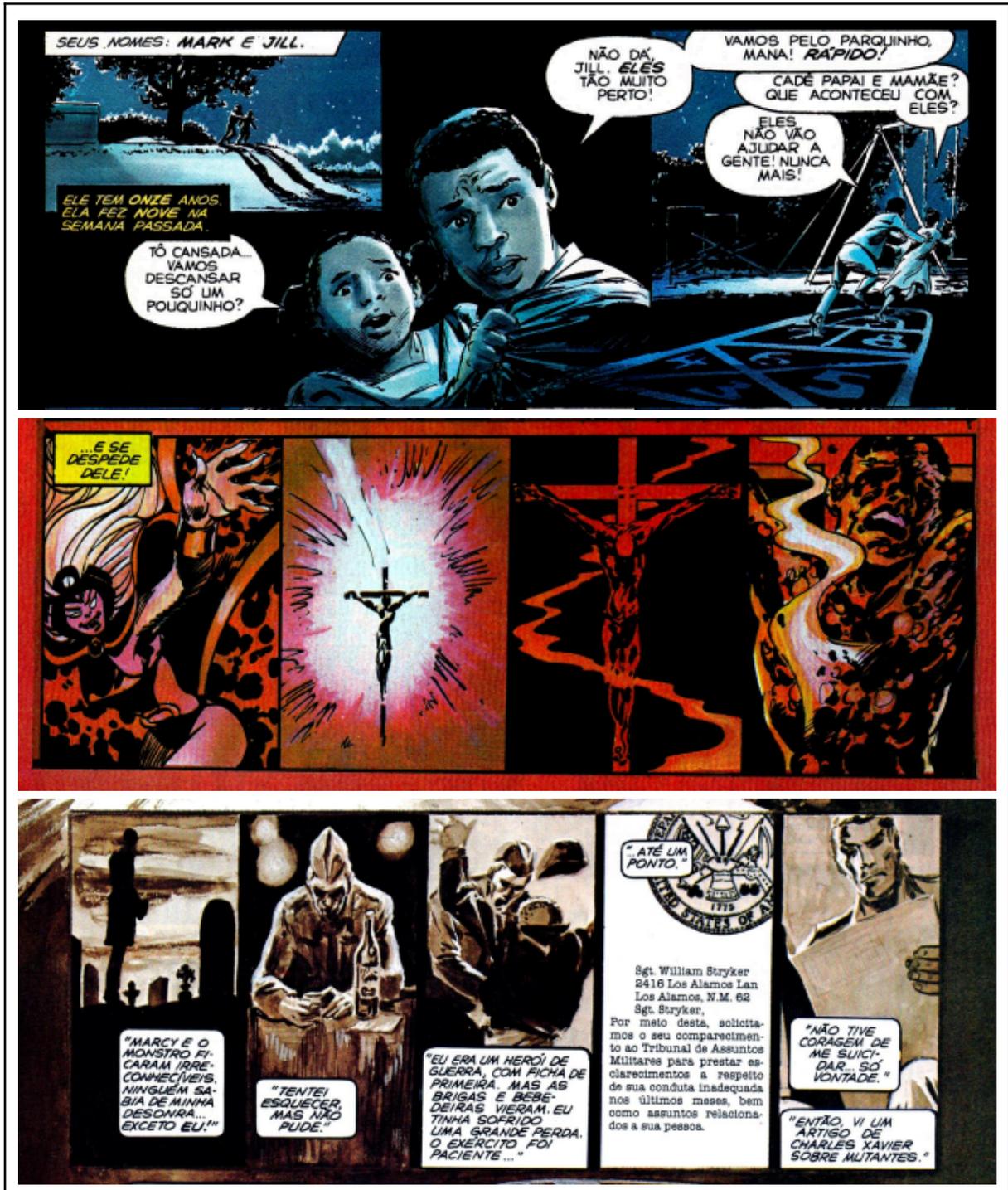
Fonte: Claremont; Anderson, (1986. p. 62, 37).

É possível perceber que os balões presentes em *Deus ama, o homem mata* não fogem tanto do padrão branco e de aspecto circular mais comum, mas em alguns momentos, principalmente para representar emoções mais afloradas, eles são substituídos por balões constituídos de outras cores ou letras com cores mais vibrantes, sendo uma maneira de Anderson dar maior ênfase às emoções dos personagens.

Partindo da questão das cores, é necessário ressaltar a importância dos diferentes tons de cor apresentados em uma HQ. Sendo preto em branco ou colorido, uma história em quadrinhos consegue contar muito através de suas cores, pois elas conseguem expressar diferentes estados de espírito, diferentes modelações podem acrescentar profundidade, possibilitando que cenas inteiras apresentem apenas cores, manifestando diferentes emoções. Dessa forma, o uso ou não de cores modifica de maneira significativa a experiência de leitura, já que no preto em branco as ideias são transmitidas de forma direta, enquanto nas cores planas existe um significado maior, e através de cores mais vibrantes e expressivas as HQs conseguem transmitir emoções que só a cor consegue promover (McCloud, 1995).

Isso pode ser observado em diferentes momentos durante *Deus ama, o homem mata*, como os tons avermelhados utilizados na cena em que o professor X é torturado, que podem significar impetuosidade e perigo; os tons de azul utilizados na cena inicial, quando as crianças mutantes são assassinadas, que podem remeter a frieza e crueldade; e tons de sépia utilizados na cena de flashback do reverendo, que podem ser vistas como fragilidade e medo (Ramos, 2014).

FIGURA 12 - CORES COMO SENTIMENTOS



Fonte: Claremont; Anderson, (1986. p. 5, 25, e 36).

Todos esses atributos aqui expostos evidenciam a versatilidade das histórias em quadrinhos, como também demonstram como os quadrinhos se baseiam na visão, cobrindo todo o universo da iconografia visual, partindo do realismo até a simplicidade do cartum, ou a experimentação do abstrato. Além disso, as HQs também proporcionam uma colaboração entre o visível e o invisível através da conclusão, como também combina tempo e espaço e está em constante evolução, assim como toda linguagem, oferecendo um leque ilimitado de possibilidades de expressão artística.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo das histórias em quadrinhos é vasto, recheado de possibilidades para diferentes artistas expressarem-se através de suas visões de mundo e de suas técnicas. Ainda existe um número significativamente pequeno de produções científicas sobre essa arte que há muito tempo vem conquistando um público crescente e, como exposto anteriormente, um dos motivos para essa carência de material teórico se dá através da relutância da academia em considerar quadrinhos e suas ramificações como objeto de pesquisa.

Também foi elucidado que esse tipo de atitude é comum na história da arte e da literatura, visto que inúmeras manifestações artísticas e literárias enfrentaram problemas em conseguir espaço e receberam uma má recepção do público e dos estudiosos em um primeiro contato. Obras, artistas e movimentos foram silenciados por muitos anos por não se encaixarem nas instâncias que os grupos dominantes consideravam aprazíveis ou dignas de espaço. Dessa forma, os quadrinhos não alcançaram o espaço que merecem na academia devido o seu fator mais popular, mas também por serem considerados um material de consumo infantil, irrelevante e até bobo.

Entretanto, podemos visualizar com as teorias de Scott McCloud e com a graphic novel *Os Fabulosos X-men: Deus ama, o homem mata* que os quadrinhos possuem uma variedade extensa de atributos que os tornam uma expressão artística tão criativa. Diante disso, desmistificando a ideia de que as HQs são um conteúdo infantil, Chris Claremont, aliado aos traços de Brent Anderson, constroem um enredo mais maduro para a equipe de super-heróis que sempre teve a luta por direitos como ponto principal, explorando uma abordagem sobre discurso de ódio e como é fácil as pessoas serem controladas por figuras como o reverendo Stryker.

Através das contribuições de McCloud, é possível constatar que os quadrinhos possuem linguagem, características, forma e até gramática própria. Diante disso, as contribuições que essa arte pode trazer para a academia são extensas, ao mesmo tempo que os estudos sobre semiótica, multimodalidades da linguagem, signos, manifestações culturais podem contribuir de maneira significativa para as teorias acerca dos *comics*.

Por fim, conclui-se a partir dos debates aqui presentes, que ainda há muito o que se pesquisar sobre histórias em quadrinhos. Novos conceitos, definições e perspectivas surgem a todo momento e torna-se necessário que essa arte continue em movimento, em constante atualização. Além disso, pesquisas como essa mostram-se necessárias, uma vez que abrem um pequeno espaço para a discussão sobre manifestações de arte contemporânea tão

estigmatizadas pelo círculo científico. Se os quadrinhos passarão a ser considerados nos estudos contemporâneos de maneira efetiva, só o tempo dirá, mas algo que é certo, é o fato deles estarem firmemente presentes no imaginário popular e estarem longe de se afastarem disso.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. **O Meme nas histórias em quadrinhos**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ. 2005.

BARROS, Ana. **As peculiaridades da linguagem dos romances gráficos no universo dos quadrinhos**. VI colóquio internacional “Educação e contemporaneidade”. São Cristóvão. 2012.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CLAREMONT, C; ANDERSON, B. E. **Os Fabulosos X-Men: Deus ama, o homem mata**. São Paulo: Salvat, 2015.

CLAREMONT, C; BYRNE, J. **Os Fabulosos X-Men: Dias de um Futuro Esquecido**. Marvel Comics, 1981.

DALCASTAGNÈ, Regina (2012). **Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado**. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: EdUERJ.

de MORAES, Anita Martins Rodrigues. **Notas sobre o conceito de “sistema literário” de Antonio Candido nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa**. ITINERÁRIOS – Revista de Literatura, n. 30, p.65-84, São Paulo, 2010.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

McCloud, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução de Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda., 2005.

MENDES, Leonardo Pinto. **Júlio Ribeiro, o naturalismo e a dessacralização da literatura**. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 4, pág. 26 – 42 , jan./jul. 2014.

NAKAMURA, L. O. O.; VOLTOLINI, A. G.; BERTOLOTO, J. S. **História em Quadrinhos: uma Abordagem do Percurso a sua Inserção Oficial no Ensino**. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, vol. 22, n. 2, 2021.

OLIVEIRA, Silvana Kelly Gomes de. **Multipli(cidade): A potência da multidão em Pauliceia de Mil Dentes**, de Maria José Silveira. 2017.

PRÓ LIVRO. A pesquisa - 5ª edição. **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <https://prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>
Acesso em: 10 nov. 2023.

RAMOS, J. P. **O significado da Cor no Cinema**. 2014.

SANTOS, Wanderley Alves dos. **Literatura e história em quadrinhos (hq) na educação básica**. 2015.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo; SANTOS, Rodrigo. **Discurso de ódio**: Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. Revista de informação legislativa, v. 52, n. 207, p. 143-158, 2015.

SIECKOWSKI, Izadora. **Para além dos quadrinhos e Graphic Novels**: Os estudos literários e visuais em diálogo. 2011.

SILVA, Amaranta Vasconcelos. **Marvel e os direitos humanos**: histórias em quadrinhos, direitos sociais e cidadania. Anais do CIDIL, v. 2, p. 619-634, 2017.

SILVA, R. L. DA et al. **Discursos de ódio em redes sociais**: jurisprudência brasileira. Revista Direito GV, v. 7, n. 2, p. 445–468, dez. 2011.

SILVA, Rafael Laytynher. **A contribuição das histórias em quadrinhos de super-heróis para a formação de leitores críticos**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, 1. Ed, p. 1-12, set/nov. 2011.

SIMÕES, Alex Caldas. **Um novo conceito de quadrinhos**: as histórias em quadrinhos como um sistema semiótico particular. Memore, Tubarão, v. 7, n. 1, p. 99-115, 2020.

TOPO, Rafael. **Resenha X-Men — Deus Ama, o Homem Mata**. Thunder Wave, 2015. Disponível em: <https://www.thunderwave.com.br/resenha-x-men-deus-ama-o-homem-mata/?amp#>. Acesso: 30 nov 2022.

X-MEN 2. Direção: Bryan Singer. Produção de Lauren Shuler Donner, Kevin Feige e Ralph Winter. Canadá: Fox Filmes, 2003. Disney Plus.